



Despertar o nosso melhor

Desde pequena fui encorajada a ter sonhos e realizá-los. Minha mãe sempre foi inspiração neste quesito. Minha vida nunca foi povoada pela mesmice – muito pelo contrário, olho para o passado e vejo que a caminhada até aqui foi de reinvenções constantes. Não gosto daquilo que é estático. O estático é o oposto de mudar, de ir à frente, de evoluir. Às vezes parece estarmos com tudo “certo”, estável, e então a vida dá uma reviravolta e bagunça tudo. Normalmente dói um pouco, mas a gente evolui.

No ano passado, eu andava com uma desorganização interna de sentimentos, com a cabeça confusa, com mil planos mas ansiosa, pois meu sentimento era de que eu precisava mudar, me capacitar, para ser uma pessoa e profissional melhor do que eu era naquele momento. Foi aí que tive a oportunidade de conhecer e ser participante do treinamento Dale Carnegie Course (DCC). E é desta experiência que quero falar hoje.

O que me chamou a atenção, inicialmente, foi a postura do *Trainer* em dizer que o processo que nos dispomos a passar não tinha o intuito de ensinar nada a ninguém e sim, nos ajudar a despertar nosso melhor. Opa, já gostei! O Fábio foi o instrutor que nos guiou através da metodologia que nos levaria a responder à pergunta central que devíamos fazer a nós mesmos: o que eu preciso superar em mim para melhorar meu resultado, para realizar meus sonhos e metas, para ser uma pessoa melhor para mim mesma e para aqueles que estão à minha volta?

O Sr. Dale Carnegie desenvolveu esta metodologia há mais de cem anos e ela encontra-se completamente atual... Louco, não é? Ela está focada na construção de cinco áreas inter-relacionadas: autoconfiança, habilidades interpessoais, comunicação, liderança e controle de atitudes, preocupações e tensões (estresse). Mas o que me chamou muita atenção é que o processo todo acontece de dentro para fora, ou seja, é um processo íntimo e bastante doloroso. Comparo o DCC com o antigo “Merthiolate”, que curava, mas ardia – lembram disso? No curso me deparei com feridas internas que estavam lá bem quietinhas, mas vieram à tona e precisei reagir, pois ficamos frente a frente e não houve escapatória, foi necessário enfrentá-las.

O curso tem um formato muito interessante. Em grupo, fomos conduzidos através de um plano evolutivo estabelecido por Dale Carnegie. Este plano acontece de forma muito lógica e progressiva, onde são expostos os conteúdos e feitas dinâmicas em grupo e, ao longo de todo o processo, somos acompanhados pelas nossas próprias metas de avanços. Estes exercícios trazem a vivência individual e real de cada participante, o que nos traz um enriquecimento gigante.

Observo que num grupo diverso como o nosso, composto dos mais diferentes tipos de gente e profissionais, se olharmos bem, veremos que os problemas que temos são muito parecidos, o que legitima o uso de uma metodologia já pensada há mais de 100 anos. Entendo que seja porque ela foi efetivamente construída com base no entendimento sobre as pessoas e os relacionamentos.

Como é intrigante o que acontece num grupo que inicialmente não se conhece. A gente se sente mais à vontade para “colocar para fora” os nossos medos, as nossas inseguranças de forma muito mais tranquila, pois sinto que seja mais fácil nos expormos para desconhecidos. Intimamente sinto que o “julgamento” será menor. Ou seja, difícil é lidarmos com aqueles que estão normalmente à nossa volta e para quem queremos manter a imagem de sermos melhores do que realmente somos.

Me dou conta que no momento que eu ajo mostrando verdadeiramente quem sou, de forma simples e natural, vejo que tenho sim minhas inseguranças, mas tenho também muitas coisas boas e me abro efetivamente para um processo interno de melhoria, de busca para o meu crescimento pessoal, entendendo que há um horizonte grandioso para mim como aprendiz. Percebo que Dale Carnegie foi muito coeso quando diz que o intuito do seu trabalho é nos ajudar a buscar o NOSSO melhor. Não o dele, nem de um padrão social, mas daquele que busca o SEU próprio crescimento.

Então, minhas amigas e amigos, sou franca em dizer-lhes que virei fã do meu próprio processo interno de melhoria. A mudança se estabeleceu em mim, não atuante apenas durante o período do curso. Hoje, buscar o meu melhor se tornou um exercício permanente! Recomendo!

Fabiane Horlle Hoff

Diretora da H. Maria Joias Contemporâneas e filha de Maria Helena Horlle Hoff

Edição nº 15 - Fev/Mar 2018

Conteúdo do **Blog Z** da **Editora Z Multi**, convertido em PDF.
Acesse zmultieditora.com.br para ver outros conteúdos.
